

Agenciamentos entre narrativas seriadas da Netflix e cibercontecimentos: reverberações de 13 *Reasons Why* em sites de redes sociais¹

Christian GONZATTI²

Vanessa FURTADO³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

Resumo

O trabalho apresenta uma noção de narrativa seriada a partir da performance transmidiática das produções da Netflix – signos contemporâneos da cultura pop. Entendemos que esse processo, desencadeador de semioses, leva a emergência de cibercontecimentos e constitui campos problemáticos. A partir da Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais, metodologia desenvolvida pelo LIC, Laboratório de Investigação do Cibercontecimento, mapeamos e coletamos os sentidos inaugurados pela *hashtag* #NãoSejaUmPorque, desenvolvendo constelações de sentidos e inferências que demonstram as questões implicadas na reverberação de 13 *Reasons Why*.

Palavras-chave: cultura pop; cibercontecimento; narrativa seriada; sites de redes sociais; Netflix.

Introdução

A série *13 Reasons Why* (Os 13 Porquês, no Brasil), criada por Brian Yorker e baseada no romance de Jay Asher, foi produzida e transmitida através da *Netflix*. A estreia ocorreu em 31 de março de 2017 - na mesma semana, a história gerou notável movimentação nos sites de redes sociais (RECUERO, 2014), ficando entre os assuntos mais comentados do Twitter⁴. De acordo com dados divulgados pelo *The Huffington Post*, esta foi a produção mais popular da plataforma, atingindo mais de 3,5 milhões de posts na semana de estreia. A segunda temporada da série já foi confirmada e deve ser lançada em 2018.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Ciências de Comunicação da Unisinos, email: christiangonzatti@gmail.com.

³ Mestranda do Curso de Ciências de Comunicação da Unisinos, email: vanessa.ramosfurtado@gmail.com.

⁴ Disponível em <http://www.lancamentosdanetflix.com/2017/04/13-reasons-why-se-torna-serie-mais.html>. Acesso em 10 mai. 2017.

Na narrativa, Clay Jensen é um garoto tímido que encontra um pacote com remetente anônimo na porta da sua casa – ao abri-lo se depara com um caixa de sapatos na qual estão guardadas sete fitas cassetes. Nessas fitas, Hannah Baker, que recentemente havia se suicidado, explica como treze pessoas específicas desempenharam um papel crucial na sua escolha: os 13 porquês que a levaram ao suicídio. No pacote, também estão instruções para que as fitas circulem entre os selecionados e um mapa para que, caso queiram, os ouvintes possam ir aos locais em que cada situação ocorreu. Cada fita possui a história da personagem principal com um amigo ou colega, e assim, aos poucos, os personagens nos vão sendo apresentados. Nós, espectadores, acompanhamos a história no ritmo de Clay – que é diferente dos outros envolvidos. Ele escuta e interrompe diversas vezes os áudios, não aceita algumas coisas, questiona, sente-se preocupado, tudo isso articulado ao seu sentimento de perda da protagonista, com quem possuía um relacionamento afetivo.

A dimensão trágica da narrativa seriada (MITTELL, 2012) lembra o episódio envolvendo a adolescente canadense Amanda Todd que, ao ter um vídeo no qual mostra os seios capturado pelos colegas, passou a sofrer uma série de chantagens que foram ganhando maiores proporções em sua vida, o que a levou a fazer um vídeo denunciando todos os episódios de (*cyber*)*bullying* antes de se suicidar. O caso levou a emergência de páginas no Facebook em homenagem à Amanda, movimentou os sites de redes sociais e fez emergir pautas jornalísticas – processos que ao se constituírem a partir das dinâmicas digitais tornam o caso um ciberacontecimento (HENN, 2011). Nesse sentido, as dimensões ficcionais e reais se cruzam demonstrando a potencialidade acidental que os sites de redes sociais apresentam na contemporaneidade.

A série *13 Reasons Why* levou ao debate, no contexto brasileiro, de questões que envolvem a violência motivada pelo gênero (VEIGA, 2016), uma melhor conscientização de pessoas sobre problemas psicológicos, além de uma série de diversidade de sentidos que apontam para problemáticas que remetem aos ciberacontecimentos – seja a partir de núcleos de sentidos nos quais pessoas performam uma afetação negativa da narrativa ou ainda, por exemplo, buscam ajuda profissional para problemas que são trabalhados na história. A movimentação em torno da produção da Netflix possibilita o tensionamento de muitas questões: a forma como as narrativas seriadas são estruturadas para desencadear identificação a partir de personagens específicas, as brechas para tratar de problemas sociais nas lógicas de consumo e lucro

que imperam sobre os produtos da cultura pop (SOARES, 2014), a maneira como os sites de redes sociais tornaram-se uma plataforma profícua para o debate de questões marginalizadas socialmente, como as de gênero, o que possibilita a problematização da ação de coletivos midiáticos⁵ (AQUINO BITTENCOURT, 2015) que potencializam o espalhamento (JENKINS et. al, 2014) de *hashtags* e ampliação de campos problemáticos (QUÉRÉ, 2005), a performance em rede da empresa Netflix, que se hibridiza aos processos que são desenvolvidos na cultura digital para potencializar a visibilidade dos seus produtos – tudo isso articulado aos pressupostos do conceito de cibercontecimento (HENN, 2014).

Na primeira parte, ampliamos a noção de narrativa seriada de Mittell (2012) a partir da maneira como a Netflix vem agenciando os seus produtos. Na segunda, problematizamos o conceito de cibercontecimento considerando a sua intersecção com a semiótica, com a noção de campo problemático e trazendo exemplos da Netflix. Na última parte, o trabalho se dedica a análise de construção de sentidos em redes digitais, metodologia desenvolvida pelo LIC, Laboratório de Investigação do Cibercontecimento em torno da *hashtag* #NãoSejaUmPorque, ao mapeamento do campo problemático inaugurado pelo programa e a contextualização das performances da Netflix que potencializam esses processos digitais, articulando os três movimentos, a fim de entender a reverberação do produto *13 Reasons Why* – signo da cultura pop transnacional.

Narrativa seriada complexa e transmidiática na Netflix

Os anos 1990 foram palco de transformação dos produtos audiovisuais na televisão estadunidense. A narrativa seriada televisiva passou a incorporar personagens e histórias mais densas – construídas ao longo do desdobramento de um determinado programa, a partir das aceitações e reações dos públicos, não mais encerrados em um roteiro como acontece nos filmes, por exemplo – uma influência potencializada pela cultura digital. As personagens tipificadas (ECO, 2004), como a moça boazinha e o vilão constantemente malvado, passaram a dar espaço a narrativas mais complexas. Mittell (2012) denomina esse processo como era da complexidade televisiva.

⁵ Coletivos midiáticos são grupos que constroem narrativas sobre os acontecimentos de maneira independente de grandes veículos para alcançarem visibilidade. Muitos desses grupos buscam atuar de forma independente e coletiva nos processos de produção e circulação, desenvolvendo práticas que tentam diferir das práticas empreendidas pelos veículos baseados em modelos massivos.

Mittell (2012) compreende que as séries estadunidenses passaram a se diferenciar dos modelos convencionais, que podem ser compreendidos a partir da explicação de Machado (2000) dos três tipos diferentes de narrativa seriada televisiva: o primeiro possui um único enredo que se estende ao longo dos episódios, como as novelas melodramáticas; o segundo também mantém um tema central na série, porém cada episódio é independente e possui início, meio e fim – como algumas séries de comédia (*Fuller House, Modern Family, How I Met Your Mother*); a terceira tipificação de narrativa seriada é aquela que possui um tema central, mas altera as locações, personagens e histórias a cada episódio, como *CSI*. A narrativa complexa engloba em si estes três tipos através dos arcos narrativos – que podem ser curtos ou longos.

A emergência dessa narrativa mais rica e multifacetada também está relacionada às mudanças nas indústrias televisivas, através das quais os roteiristas passam a ter mais liberdade para trabalharem as suas personagens. Mittell (2012) aponta que no cinema, alterações ao longo do percurso de uma narrativa não são possíveis como em produtos televisivos. As conversações em sites de redes sociais (RECUERO, 2014) funcionam como termômetro para os profissionais que produzem as séries – a existência dessas conversações também complexifica a experiência dos públicos. Jenkins et. al (2014) compreende essas transformações como entretenimento transmídia. As narrativas passam a se estender para além da televisão, a partir de websódios, histórias em quadrinhos impressas e digitais, jogos de computador, experiências de realidade alternativa, todos elementos que passam a ser uma nova fonte de capital e de abastecimento da participação do público. Mittell (2012) denomina o público engajado no espalhamento da narrativa seriada como *fandom forense*.

Para Jenkins (2009), são sete os princípios fundamentais da narrativa transmídia: potencial de compartilhamento e profundidade, continuidade e multiplicidade, imersão e extração, construção de universos, serialidade, subjetividade e performance. Em performance, é destacada a capacidade que extensões transmídia tem de desencadear performances dos fãs, seja a partir de um convite do criador do conteúdo ou não. Esses signos performáticos acabam se transformando em parte da narrativa transmidiática. Características que se dão em função, também, de questões narrativas, de roteiro, e da construção deste personagem. A Netflix, nesse sentido, articula potencialmente a narrativa complexa e transmíditática gerando um fluxo conversacional em rede que passa a visibilizar os seus produtos.

A Netflix surgiu como uma plataforma de streaming audiovisual que disponibiliza conteúdo sob demanda para 83 milhões de assinantes em mais de 190 países. Apareceu no mercado oferecendo a possibilidade de acesso ilimitado a um grande acervo de filmes e séries por um valor fixo mensal. Durante seis anos, o catálogo era limitado a produções externas já exibidas anteriormente no cinema ou na TV. Em 2013, a empresa lançou sua primeira produção original a série *House of cards*, possibilitando então, o consumo de conteúdo inédito integralmente. Atualmente, estão disponíveis aproximadamente 150 produções com o selo *Original Netflix*, das quais destacam-se as séries, sucessos de público e crítica (BRAGHINI, GONZATTI, 2016). Nas séries produzidas pela empresa, é possível notarmos elementos da narrativa complexa que atravessam as temporadas das produções. Em *Sense8*, outra série original, por exemplo, a narrativa da segunda temporada trouxe características⁶ que emergiram da conversação em rede desenvolvida pelos *fandoms* – já que, da mesma forma que um filme, temporadas são entregues de maneira fechada. No entanto, as possibilidades transmidiáticas da cultura digital são aproveitadas para expandirem, a partir dos sete princípios já apresentados, as narrativas de um programa – o que, muitas vezes, motoriza a emergência de ciberacontecimentos.

Netflix e ciberacontecimentos

O conceito de ciberacontecimento (HENN, 2014) emerge de uma revisão teórica em torno do acontecimento em si e do acontecimento jornalístico. Postula-se, assim, que acontecimentos são singularidades que geram rupturas, transformações e produção de sentido. Os ciberacontecimentos, nesse sentido, delineiam-se no âmbito dos sites de redes sociais (RECUERO, 2009), que com as novas tecnologias transformam os processos acontecimentais. É a partir da relação entre signo, objeto e interpretante que Henn (2014) entende os processos jornalísticos como materializações de semioses (PEIRCE, 2002), colocando o objeto semiótico como o acontecimento, que transformado em narrativa jornalística e narrado por atores e atrizes sociais, torna-se signo. Os sites de redes sociais alteram algumas dessas processualidades, dando maior protagonismo às conversações digitais nas semioses que se desdobram em torno de um acontecimento (HENN, OLIVEIRA, 2015): de uma relação objeto (acontecimento),

⁶Em uma das cenas, por exemplo, Wolfgang, que recebeu o apelido de tromba dos fãs (uma referência ao seu pênis que apareceu na primeira temporada), aparece jogando futebol com um elefante indiano grafitado ao fundo. Já em outro momento, a música *What's Up* aparece novamente em destaque dada a forma como os públicos espalharam a cena com o som do grupo da primeira temporada.

interpretante (jornalismo) e signo (notícia), passamos a ver o signo não só nas práticas institucionalizadas, mas também nos sites de redes sociais, espaços profícuos para semioses, compreendidas como ação, geração e propagação de signos.

A constituição dos ciberacontecimentos decorre de três dimensões: os processos transnarrativos e hipermediáticos, a reverberação ou espalhamento, produzindo novas narrativas em torno de um determinado acontecimento, e formas de acontecer que se dão em um cenário de conexões altamente sistêmicas (HENN, 2014) – dimensões que afetam os campos problemáticos (QUÉRÉ, 2005) que emergem de determinado (ciber)acontecimento.

Para Quéré (2005, p. 68), “[...] o acontecimento é um fenômeno de ordem hermenêutica: pode ser palco de encontro, interação, confrontação, determinação recíproca”. Nesse sentido, acontecimentos que circulam e são tramados em redes digitais desencadeiam novas experiências a partir da intersecção de diferentes ordens. O autor também entende que não existe um acontecimento isolado, o que denota que o contexto e a constituição histórica de determinadas questões estão implicadas na força propulsora de sentidos de um determinado acontecimento. Assim, uma situação pode gerar tensões, conflitos, contradições e discordâncias que desenvolvem barreiras para que se chegue a uma solução apropriada – o que faz emergir um problema que origina uma pesquisa que visa encontrar uma solução. Os públicos são partes importantíssimas desses processos, pois é a partir da experiência que os acontecimentos se tornam portadores e criadores do sentido.

Os ciberacontecimentos articulam aspectos transmediáticos, inaugurando processos semióticos e potencializando a emergência de campos problemáticos. Nesse sentido, a Netflix tem desenvolvido performances em rede que ao mesmo tempo em que impulsionam as ações dos públicos, também passam a afetar campos jornalísticos a partir de inquéritos que são inaugurados por questões mobilizadas pelos seus programas. Para aumentar o compartilhamento e a relação profunda com várias séries, a empresa desenvolve vídeos no YouTube nos quais as personagens aparecem em cenas exclusivas, dando maior continuidade e multiplicidade para a narrativa e possibilitando maior imersão e extração dos fãs através das séries – quando, por exemplo, Inês Brasil⁷

⁷ Uma mulher que se tornou uma webcelebridade ao ter o seu vídeo de inscrição para o Big Brother Brasil espalhado em sites de redes sociais.

aparece em um vídeo de *Orange is the New Black*⁸. O sucesso de algumas narrativas também potencializa a construção de universos a partir de práticas fãs nas redes digitais – *Stranger Things*, nesse sentido, tem o seu universo expandido não só pela ação da empresa, mas também através da criação de espaços não institucionalizados, como a página *Stranger Things Brasil*⁹, nos quais as subjetividades dos públicos podem ser performadas. Muitas dessas características inauguram cibercontecimentos do âmbito do entretenimento e da cultura pop, porém nosso foco aqui recai sobre a série *13 Reasons Why*, dada a potência inauguradora de sentidos da narrativa desse produto.

Reverberações de *13 Reasons Why*

Para a compreensão das semioses que se relacionam a um cibercontecimento, seja na sua constituição ou espalhamento, utiliza-se a metodologia denominada como análise de construção de sentidos em redes digitais (HENN, 2015). A aplicação do método permite a identificação dos processos que desencadeiam um cibercontecimento, assim como possibilita visualizar o que foi reverberado por um caso específico. Recuero (2014) compreende que os sites de sociais são formados por nós e suas conexões, articulados a partir de grafos. Primo (2013) infere que esses grafos nos auxiliam a desbravar a rede. É ao mergulho nas conexões específicas que levam a constituição desses grafos que se dedica a análise de construção de sentidos em redes sociais – permitindo uma compreensão mais aproximada das semioses que estão presentes em cada processo que se constrói em rede.

Questões que são abordadas pela narrativa de *13 Reasons Why* desencadearam uma campanha nos sites de redes sociais, organizada a partir da *hashtag* #NãoSejaUmPorque, focada no debate sobre as formas de agredir outra pessoa que podem potencializar ou inaugurar problemas psicológicos, como a depressão. Acompanhar os rastros semióticos desse processo, que ganhou a atenção dos portais de notícias¹⁰ e se configura como um cibercontecimento, possibilitou compreender a forma como a série tem reverberado em campo social.

Foram coletadas, a partir do aplicativo *Nimbus Screenshot*, 78 publicações no Facebook e 145 publicações no Twitter. A partir da análise de cada uma delas, foram constadas a presença de quatro constelações de sentidos: visibilidade da *hashtag*,

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=oJhBh0scBOU&t=14s> Acesso: 30 mai. 2017.

⁹ <https://www.facebook.com/strangerthings.com.br/> Acesso: 30 mai. 2017.

¹⁰ Fonte: <http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento.naosejaumporque-internautas-fazem-campanha-contra-o-bullying-inspirada-na-serie-os-13-porques,70001724487>. Acesso: 08 abr. 2017.

procure ajuda, narração de si e pedagogias da alteridade. Desenvolvemos, assim, inferências sobre cada uma delas.

Na constelação visibilidade da *hashtag*, foram agrupadas 54 publicações do Twitter e 27 do Facebook. São linguagens que buscam, em primeira instância, a divulgação do movimento, da própria série ou o aproveitamento da espalhabilidade da *hashtag* para promoção de si ou de produtos. Aparecem elogios ao programa, fãs divulgando imagens das atrizes e atores da série, teorias relacionadas a uma suposta segunda temporada, debates em torno das personagens, textos de coletivos que debatem a questão do suicídio e do *bullying*, *selfies*, notícias, *check-ins* possibilitados pela interatividade do Facebook, trechos de episódios em imagens publicadas por coletivos de fãs, vendas de moletons com estampas que remetem a série – todos sentidos que buscam visibilizar a *hashtag* ou aproveitar a sua visibilidade para promover o espalhamento de outros signos que não estão diretamente relacionados a intenção do movimento. A própria Netflix, através da página no Facebook criada para a série, atenta a essas dinâmicas, desenvolveu um vídeo no qual (web)celebridades falam das violências que já sofreram em suas vidas utilizando a seguinte legenda: “A história deles não precisa ser a história de mais ninguém #NaoSejaUmPorque #13ReasonsWhy”¹¹.

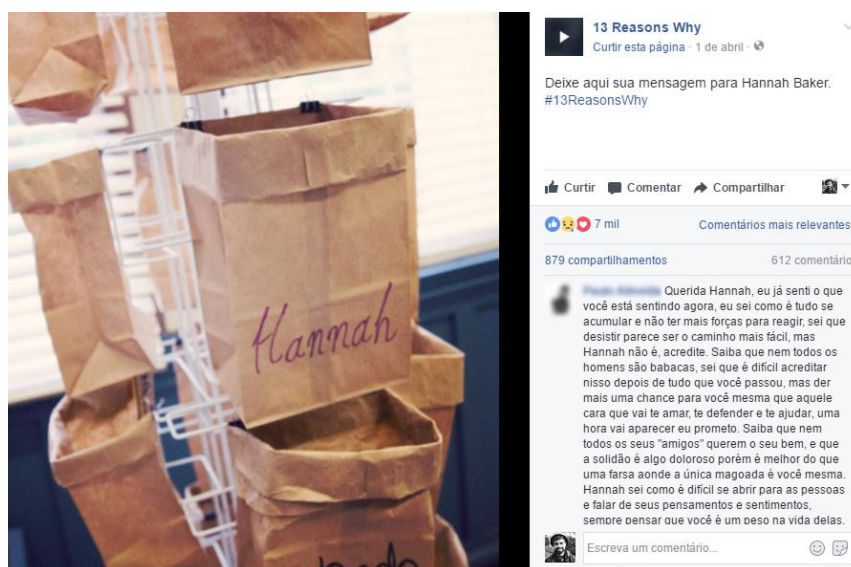
Torna-se evidente, assim, que não apenas os movimentos sociais utilizam as novas mídias para o desenvolvimento de relações comunitárias, comunicacionais e de resistência, como problematiza Primo (2013), mas também o próprio mercado. É o que faz a Netflix quando passa a incorporar a colaboração on-line em suas estratégias para a promoção de produtos. Primo (2013, p. 31) também fala do cuidado que devemos ter para não simplificar fenômenos digitais através de metáforas biologizantes que “[...] reduzem a cultura e a semiótica à disseminação de epidemias”. (Primo, 2013, p. 31). Nesse sentido, o conceito de espalhamento (JENKINS *et al.*, 2014) aponta mais efetivamente a forma como conteúdos são visibilizados por públicos em sites de redes sociais: há sempre um interesse consciente no compartilhamento de publicações e não uma contaminação viral.

Em relação a constelação pedagogias da alteridade foram agrupadas 31 publicações do Facebook e 43 do Twitter. São as que, prioritariamente, dedicam-se ao objetivo de criação do movimento digital. Aparecem, em algumas linguagens, outras

¹¹ Fonte: <https://www.facebook.com/13ReasonsWhyBR/videos/1299918970061832/> Acesso: 08 abr. 2017.

hashtags que evidenciam as temáticas da narrativa de *13 Reasons Why*, como #DepressãoNãoéMimimi e #DigaNãoACulturaDoEstupro. Outras publicações frisam a importância do respeito às diferenças, do diálogo, da forma como a linguagem pode carregar preconceitos, reivindicando, também, uma não banalização e romantização em torno de temas como a depressão e o suicídio. Há, também nesse núcleo, um incentivo de atrizes e atores dos sites de redes sociais para que outras pessoas assistam a série e reflitam sobre as já citadas questões e que não tendam a apenas se identificar com a posição de oprimido, encarnada pela protagonista que se suicidou. Uma outra ação presente nessa constelação foi a incorporação do “saco dos elogios” da série – uma das turmas de Hannah possuía um suporte com saquinhos para cada uma das alunas e alunos nos quais se podiam deixar recados. Nos sites de redes sociais, algumas pessoas diziam que os amigos que deixassem um “coração” na publicação, que trazia a imagem do saco do programa, ganhariam um elogio. O mesmo saco dos elogios foi apropriado pela Netflix (figura 1), na página oficial da série, em uma publicação na qual várias pessoas narram a forma como a série motorizou mudanças em suas vidas e na forma como compreendem o Outro (essas não contabilizadas na constelação). Outras publicações compartilhavam imagens de coletivos de fãs que traziam o que uma pessoa não deve fazer para ser o porquê de alguém.

Figura 1 – Mensagem para Hannah



Fonte: 13 Reasons Why¹²

¹²<https://www.facebook.com/13ReasonsWhyBR/photos/a.1272877199432676.1073741828.1241862042534192/1292840847436311/?type=3&theater> Acesso: 30 mai. 2017.

Edgar Morin (2003) fala de sete saberes fundamentais que a educação deveria tratar em toda a sociedade e em toda a cultura, entre eles, o ensino da condição humana, que pressupõe o entendimento da diversidade intrínseca a nossa constituição, assim como o ensino da compreensão, que se voltaria ao exercício de uma compreensão mútua entre os seres humanos, sejam eles próximos ou estranhos, para, assim, rompermos as barreiras da incompreensão – que ao ser também compreendida nos possibilitaria localizar as causas, e não somente os efeitos, dos preconceitos. Pode-se pensar a partir da constelação pedagógicas da alteridade, portanto, na forma como as pessoas se fecham ao diálogo a partir de crenças em verdades condicionadas por bases ideológicas, que filtram o nosso olhar sobre o mundo. Foucault já postulava que toda a verdade é construída a partir de relações de poder (FOUCAULT, 1999), assim, a não compreensão do Outro, presente, por exemplo, nas resistências a uma pedagogia de gênero, que ensinaria as diferenças e combateria o machismo, não possibilitam uma outra performatividade (BUTLER, 2003), não potencializadora de violências. Aidar (2016) vê no acontecimento, em seu nível conceitual de máxima ruptura, uma possibilidade de romper com os aprisionamentos políticos que barram a compreensão das diferenças. Nesse sentido, o ciberacontecimento aqui tensionado passa a sinalizar, mesmo que com uma carga semiótica limitada, um viés subversivo que dá peso a discussões marginalizadas historicamente.

Ao lançar a série, a *Netflix* disponibilizou um site¹³ com informações para pessoas que precisam de ajuda. No Brasil, o contato disponibilizado é do CVV - Centro de Valorização da Vida¹⁴, que realiza apoio emocional e prevenção do suicídio, atendendo gratuitamente todas as pessoas que precisam conversar sob total sigilo por telefone, e-mail, chat e Skype, 24 horas todos os dias. Segundo notícia da Exame¹⁵, a CVV informou que desde a estreia da série, os pedidos de ajuda e de conversa tem aumentado consideravelmente: o site passou de 2,5 mil visitantes para 9269 e mais de 1840 mensagens por e-mail no mesmo período de março. Segundo o presidente da CVV, as pessoas têm buscado ajuda da entidade por se sentirem tocadas pelo conteúdo. Corroborando essa transformação, a constelação de sentidos “procure ajuda” se dedica

¹³ Site: <http://13reasonswhy.info/#bra>. Acesso: 08 abr. 2017.

¹⁴ Fonte: <http://www.cvv.org.br/>. Acesso: 08 abr. 2017.

¹⁵ Fonte: <http://exame.abril.com.br/brasil/serie-da-netflix-faz-crescer-busca-pelo-cvv-em-445/>. Acesso: 30 mai. 2017.

a visibilizar espaços para a busca de ajuda profissional, assim como uma melhor atenção para pessoas que possam estar passando por dificuldades emocionais ou sofrendo violências. Foram 7 publicações no Twitter e 8 no Facebook.

Jenkins (2008), ao falar dos processos convergentes a partir dos meios de comunicação, da inteligência coletiva e da cultura participativa anunciava uma possibilidade de sair de enclaves ideológicos e de desenvolver transformações sociais a partir de produtos da cultura pop, como a série a Harry Potter. Na contemporaneidade, muitas dessas possibilidades foram esvaziadas por lógicas mercadológicas, como os filtros do Facebook (AQUINO BITTENCOURT, 2015). No entanto, a *Netflix*, como empresa, quebra algumas dessas lógicas ao trazer para as suas páginas e programação com alta visibilidade e espalhabilidade, temáticas que se contrapõem a grande parte de políticas fundamentadas pelo ódio. Potencializar a busca de ajuda por pessoas que passam por dificuldades - decorrentes, muitas vezes, das bases opressivas que formaram o nosso Estado - a partir das lógicas da cultura digital parece ser uma ruptura na lógica que impera sobre muitos produtos da cultura pop.

Na constelação narrativas de si, foram agrupadas 12 publicações do Facebook e 48 do Twitter. Aqui predominam as pessoas que se identificam com Hannah Baker e passam a relatar episódios que já sofreram em decorrência do gênero e outras formas de *bullying*. Há relatos, também, de pessoas que se sentiram mal com a série – o que poderia, segundo o que notamos em comentários na página do programa ou em matérias portais de notícias, ser um gatilho para o suicídio ou depressão¹⁶. Aparecem algumas indiretas e críticas a pessoas que estariam assistindo ao programa e, na verdade, são constantemente opressoras em suas atitudes.

A lógica da bolha vai além dos espaços digitais – na medida em que fechamentos ao diálogo e ao entendimento de que nossas ações são condicionadas pela cultura resultam, algumas vezes, na exclusão de pessoas opressoras de possibilidades de transformação. Outra inferência que pode ser tomada a partir da constelação narrativas de si atende a forma como nós damos uma narrativa para o *self* a partir da maneira como nos construímos e narramos nos sites de redes sociais (HENN, 2017)¹⁷. Recuero (2014, p. 141), ao discutir a conversação em rede, destaca que nossos perfis são construídos e

¹⁶ As problemáticas em torno dessa questão não estão sendo levantadas diretamente através *hashtag*, mas aparecem em coletivos e perfis de influenciadores, assim como em alguns nós da rede, citando, por exemplo, o Efeito Werther – que seria o aumento de suicídios quando esses são tratados de maneira espetacular e são visibilizados. Há, inclusive, a citação em alguns textos de uma menina que teria se suicidado após assistir a série.

¹⁷ Comentário feito em aula para o PPGCCOM da Unisinos.

reconstruídos a partir desses espaços digitais, que passam, portanto, a oferecer elementos para a construção das nossas identidades. Sendo assim, destacamos a possibilidade desses processos altamente semióticos resultarem em transformações socioculturais a partir da forma como são reverberados – sendo a cultura pop um vetor que pode potencializar essas relações.

Considerações finais

A série *13 Reasons Why* aponta, assim como outros produtos midiáticos da Netflix, para um novo nível de complexidade das narrativas. Ao se tornarem altamente transmidiáticas, hibridizando-se com processos convergentes dos sites de redes sociais, essas narrativas passam a acionar semioses que constituem um cenário profícuo para a emergência de ciberacontecimentos, sinalizando, assim, a possibilidade de interpretantes (públicos) contribuírem para o aprofundamento de determinado campo problemático.

As personagens da série da Netflix mobilizam, por si só, críticas de produtos midiáticos descoladas de espaços institucionalizados, que apontam a complexidade das personagens: controversas, problemáticas e imperfeitas. Ao mesmo tempo em que Hannah Baker aparece como motor de identificação, também é apontada por coletivos, blogs e sites como uma adolescente irresponsável que busca culpabilizar os colegas pela sua morte, não possuindo empatia pelo Outro. Mas essa não é a única leitura. E é justamente dado a esse aspecto controverso e de leitura multifacetada que a narrativa da série possui em si carga ciberacontecimental – potencializada pelas ações em rede da *Netflix*.

A conversação em rede institucional que a Netflix desenvolve com os seus públicos merece destaque na constituição transnarrativa de uma narrativa complexa. Comentários com muita visibilidade nas páginas do Facebook da série apresentam respostas, que incorpora o teor de determinado produto nas respostas aos públicos: em *House of Cards*, há um tom político e sarcástico, em *Sense8* uma abordagem fã na relação com as personagens, por exemplo. Em relação à *13 Reasons Why*, as respostas trazem um teor empático e de compreensão com o que os públicos trazem a partir da sua subjetividade.

O potencial de compartilhamento e profundidade da série é estimulado pelas questões abordadas pela narrativa que parecem ser de conhecimento da produtora. O

documentário em torno da produção, *13 Reasons Why* – Tentando entender os porquês, aborda muito do que foi inaugurado em rede, inclusive respondendo questionamentos sobre o direcionamento da narrativa e o cuidado com algumas cenas, mas não é citado no nosso recorte de coleta nem em muitas das críticas desenvolvidas em espaços digitais – ele estar desarticulado dos episódios ou não ser divulgado com a mesma intensidade da narrativa pode sinalizar algumas intenções de estímulo do debate em rede. Outros aspectos transmidiáticos potencializam a visibilidade da produção, como a divulgação de um trailer de apresentação da segunda temporada – que também inaugurou discussões em rede a respeito do possível interesse em apenas lucrar ou da necessidade de abordar com maior profundidade temáticas que ficaram abertas. São sinalizadas, assim, transformações comunicacionais na publicidade e propaganda e, também, na própria constituição do jornalismo na contemporaneidade.

Seria ingenuidade não considerar que a série não está integrada aos interesses da indústria cultural, motor produtor da cultura pop, e que apresenta como objetivo apenas a visibilidade de uma temática social. As personagens, dentro de um padrão estético, a história e a própria divulgação da Netflix aproveitam os potenciais de identificação do produto para aumentar a visibilidade da *hashtag* que tomamos como recorte, assim como investe em conteúdos espalháveis na página dedicada à produção. No entanto, existem brechas nessas produções que apontam para um espaço nos quais temáticas marginalizadas ganham pauta social a partir da potência de um produto pop: a questão da violência de gênero, do preconceito contra LGBTQs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queers) e de pedagogias falhas em lidar com esses problemas, aparece como cenário não só de *13 Reasons Why*, mas de outras produções da empresa.

A partir da *hashtag* e da sua potência espalhável, a série leva a emergência de um cibercontecimento que, ao ser constituído em sites de redes sociais, revela a forma como as conexões nessas espacialidades visibilizam e pautam o jornalismo. As polêmicas em torno da história desprendem-se do movimento #NãoSejaUmPorque e passam, também, a integrar o campo problemático desencadeado pela questão do suicídio – seja através de matérias¹⁸ em que Selena Gomez, cantora pop estadunidense que é produtora da série, defende a abordagem do roteiro e das cenas, textos nos quais produtores e roteiristas justificam os porquês, especialistas que entram em uma disputa

¹⁸ <https://www.facebook.com/13ReasonsWhyBR/videos/vb.1241862042534192/941910175911571/?type=2&theater>. Acesso: 01 jun. 2017.

indireta através de matérias¹⁹, alguns apontando que a história não pode ser culpada por motivar o suicídio e outros que sim, ou ainda, as notícias que destacam a censura da série em escolas dos Estados Unidos²⁰.

Notamos, a partir do campo problemático inaugurado, que o jornalismo de cultura pop, ao ser dedicado a produções com alta visibilidade e transmidiáticas, parece, por fim, ser um grande aliado para fãs, *haters* e críticos de produções da Netflix, pois constitui territorialidades semióticas nas quais sentidos podem ser performados – o que pode mobilizar futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

AIDAR PRADO, J. L. Comunicação e reinvenção acontecimental da política. In: JESUS, E.; TRINDADE, E.; E ROXO, M., **Reinvenção comunicacional da política: modos de habitar e desabitar o século XXI**. Salvador: Compós/Edufba, 2016.

AQUINO BITTENCOURT, M.C. Mídiação do ativismo e jornalismo digital: o impacto dos filtros do Facebook nos processos de produção e circulação de conteúdos de coletivos midiáticos. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. Chasqui, v. 12, n. 22, 2015.

BRAGHINI, Kéliana; GONZATTI, Christian. Dos Sentidos Queers em Sense8: a ressignificação da narrativa através dos processos de recepção, remixabilidade e espalhamento em sites de redes sociais. **Anais da III Jornada Gaúcha de Pesquisadores da Recepção**, Unisinos, São Leopoldo, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, 2003: Civilização Brasileira.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. Ed: Perspectiva, 2004.

HENN, R.; OLIVEIRA, F. Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica. In: **Revista Famecos** v.22, n.3 (2015). Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/20560>>. Acesso em 19 mai. 2016.

HENN, Ronaldo. Apontamentos sobre o cibercontecimento: o caso Amanda Tood. XXII Encontro Anual da **Compós**, Universidade Federal da Bahia, 04 a 07 de junho de 2013.

_____. **El cibercontecimiento: producción y semiosis**. Barcelona: Editorial UOC, 2014.

_____. Seis categorias para o cibercontecimento. In: NAKAGAWA, R. M.; SILVA, A. R.

(Org.). **Semiótica da Comunicação II**. São Paulo: INTERCOM, 2015. v. 2, p. 208-227.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

¹⁹ <https://omelete.uol.com.br/series-tv/artigo/13-reasons-why-culpar-serie-por-suicidio-e-como-culpar-termometro-pela-febre-diz-especialista/>. Acesso: 01 jun. 2017.

²⁰ <http://cinpop.com.br/escolas-dos-eua-iniciam-boicote-a-13-reasons-why-143144>. Acesso: 01 jun. 2017.

_____. **The Revenge of the Origami Unicorn: Seven Principles of Transmedia Storytelling (Well, Two Actually. Five More on Friday)**, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/1ePPSO>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. Introdução. In: JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Cultura da Conexão**. Criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3ª ed. São Paulo, Editora 34, 2010.

MITTELL, Jason. Complexidade Narrativa na Televisão Americana Contemporânea. **Matrizes**, ano 5, nº2, jan/jun, 2012.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2003.

PEIRCE, Charles Sanders. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Past Masters, CD-ROM. EUA, IntelLex Corporation, 2002.

PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, Alex (org.). **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, nº 6, 2005, p. 59-76.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede. Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SOARES, Thiago. Abordagens Teóricas para Estudos Sobre Cultura Pop. **Logos**, v.2, n. 24, 2014. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14155>. Acesso em: 08 abr. 2017.

VEIGA, Marcia. **A alteridade como chave para os encontros com a diversidade**. 2016. Disponível em: <https://jornalismonobrasilem2017.com/a-alteridade-como-chave-para-os-encontros-com-a-diversidade-5fb57d69137a>. Acesso em: 08 abr. 2017.